

Empresários *collorem*, queira ou não Collor

ROBERTO CUSTÓDIO

São Paulo, (Sucursal). — Se algum desavisado tinha dúvidas, agora pode se desfazer delas: o empresariado nacional vai apoiar maciçamente no segundo turno o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, mesmo que ele insista em afirmar que rejeitará tais alianças. “É como no conto da mulher amada, não importa se ele gosta ou não de mim; mas eu gosto do que ele vai fazer”, afirmou o presidente da Fiesp, Mário Amato, ao anunciar o seu apoio a Collor, ao final de uma reunião de três horas e meia do Fórum Informal de Empresários — que reúne representantes de todos os segmentos da economia paulista. “Mesmo que ele me procure na urna em que vou votar e me diga para não fazer isso, eu vou votar nele”, acrescentou o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), Eduardo Rocha Azevedo.

Segundo os empresários, o apoio a Fernando Collor de Mello está baseado no conhecimento de seu programa de governo, em especial na defesa da livre iniciativa, na economia de mercado, nas promessas de menor intervenção do Estado na economia e na possibilidade real de privatização de empresas estatais. “Isto é tudo o que queremos e defendemos como empresários. Daí o apoio a ele e não a Lula, que defende o oposto”, afirmou o presidente da Federação do Comércio de São Paulo, Abram Szajman. “Se nós queremos a modernidade, o desenvolvimento do País e um ataque frontal à miséria, com a valorização da iniciativa privada, o jeito é apoiar Collor”, observou Amato.

Na avaliação feita pelos empresários constatou-se que o setor está tranquilo em relação ao futuro eleitoral, na medida da expressiva votação obtida por Collor de Mello no primeiro turno, acima de 12 percentuais, mais de 10 milhões de votos, sobre o segundo colocado, Lula da Silva, da Frente Brasil Popular. Acreditam que será muito difícil a reversão do quadro, em função do radicalismo das propostas de Lula e do seu grau de rejeição junto ao eleitorado de outros candidatos. “Além disso, precisa ficar claro que a maioria da população votou em Collor por sua livre vontade”, lembrou o presidente da Bolsa de Valores, explicando que ainda falta o esclarecimento de parte dos eleitores em relação às propostas dos dois que disputarão o segundo turno.

“Eu mesmo penso que tanto o Collor quanto o Lula precisam mostrar e com mais clareza suas

propostas de governo e desde já anunciar a equipe com as quais pretendem trabalhar caso sejam eleitos. É preciso dar nomes aos bois e aos ministros de seu governo”, destacou. Para Azevedo, tal anúncio amenizaria os problemas conjunturais do País e a escolha do próximo presidente poderá ser feita de forma consciente.

Segundo o presidente da Sociedade Ruralista Brasileira, Flávio Telles de Menezes, a tendência do setor agrícola é a de ficar ao lado do candidato do PRN, que melhor colocou a questão. “Defendemos aquele candidato que não quer desapropriar terras produtivas para fazer reforma agrária”, afirmou. Da mesma forma, o presidente da Fiesp disse que o empresariado não pode caminhar ao lado de um candidato como Lula que “abomina tudo o que é desenvolvimento e moderno”.

Mas e se Lula ganhar o segundo turno, uma hipótese que sequer é levada em conta pelos empresários? “Bem, aí vamos continuar trabalhando do mesmo jeito porque é só o que sabemos fazer”, respondeu Szajman, fazendo questão de salientar que os trabalhadores não podem esperar com um governo petista a solução de seus problemas, “nem pensar que terão maiores salários e que serão donos dos prédios da avenida Paulista”. O presidente da Fiesp, outro que não acredita nesta possibilidade, também diz não temer o futuro. “Eu nunca disse que 800 mil empresários deixariam o País com a vitória da esquerda. Eu respeito muito o Lula mas divirjo completamente de suas idéias”.

Os empresários chegaram a um consenso quanto ao futuro imediato da economia do País até

a posse do novo presidente. “A inflação deve ficar este mês em 39,5 por cento e em dezembro saltará para o patamar logo acima de 40 por cento, mas a indexação deve impedir a hiperinflação. Eles não descartam também a possibilidade de uma recessão nos primeiros meses do novo governo, quando deverá ser implementado um forte ajuste na economia, mas não aceitam a idéia de um novo congelamento de preços e salários. Uma voz destoante foi a do presidente da Bolsa de Valores, que ainda acredita num choque econômico nos últimos dias do governo Sarney. “Esse governo não vai querer passar para a história como o que provocou as maiores altas da inflação de toda a nossa história”, previu.

Segundo o **CORREIO BRAZILIENSE** apurou, durante a reunião do fórum houve outro momento de discórdia. Um empresário queria que a entidade manifestasse publicamente seu apoio ao candidato do PRN, para afastar de vez as especulações sobre o pensamento empresarial, mas o presidente da Sociedade Rural Brasileira vetou a proposta, lembrando que entidades não estão autorizadas a se manifestarem partidariamente, e o resultado oficial da eleição não foi divulgado pelo TSE.

“Nós da Sociedade inclusive faremos uma reunião no dia 27 para discutir nosso caminho, mas é provável que a decisão seja a de liberar cada empresário para votar em quem quiser”, disse. Por causa dessa questão, a reunião atrasou e provocou a liberação de um documento genérico sobre a posição do empresariado contra quaisquer atitudes casuísticas, entre as quais parlamentarismo já.